

Revista da Universidade Ibirapuera

Volume 31 – Janeiro/Junho de 2026

Páginas 07 a 20

Marco Paulo Andrade de Oliveira
Universidade Ibirapuera
marco.oliveira@ibirapuera.edu.br

Camila Soares
Universidade Ibirapuera
camila.soares@ibirapuera.edu.br

Alan Almario
Universidade Ibirapuera
alan.almario@ibirapuera.edu.br

Infância em Releitura: Análise Crítica da Música Infantil dos Anos 1980 sob a Perspectiva dos Direitos Humanos e da Educação Inclusiva

Resumo:

A década de 1980 marcou profundamente a cultura infantil brasileira, consolidando artistas, grupos musicais e programas televisivos direcionados ao público infantil. Entretanto, diversas letras de músicas que tiveram grande repercussão na época contêm mensagens que hoje são consideradas inadequadas, seja por reforçarem estereótipos, normalizarem práticas discriminatórias, naturalizarem violência simbólica ou apresentarem visões distorcidas sobre grupos sociais, povos originários, negros, minorias, pessoas com deficiência ou animais.

Promover a análise crítica desse repertório possibilita a reflexão sobre os processos de construção cultural da infância e sobre o papel da escola como espaço de defesa dos direitos humanos, da diversidade e de práticas pedagógicas éticas e inclusivas.

Abstract:

The 1980s profoundly marked Brazilian children's culture, consolidating artists, musical groups, and television programs aimed at children. However, many song lyrics that had a great impact at the time contain messages that are now considered inappropriate, either because they reinforce stereotypes, normalize discriminatory practices, naturalize

symbolic violence, or present distorted views about social groups, indigenous peoples, Black people, minorities, people with disabilities, or animals.

Promoting a critical analysis of this repertoire allows for reflection on the processes of cultural construction of childhood and on the role of the school as a space for defending human rights, diversity, and ethical and inclusive pedagogical practices.

1. Introdução

Promover a análise crítica desse repertório musical infantil difundido durante os anos de 1980 possibilita aos estudantes de Pedagogia refletirem de forma aprofundada sobre os processos históricos e sociais de construção cultural da infância, compreendendo que produções destinadas às crianças não são neutras, mas carregadas de valores, normas e visões de mundo. Ao problematizar letras, personagens e narrativas presentes nessas músicas, os futuros pedagogos desenvolvem uma postura investigativa e ética, fortalecendo a compreensão do papel da escola como espaço privilegiado de promoção dos direitos humanos, do respeito à diversidade e da construção de práticas pedagógicas inclusivas e socialmente responsáveis. Nesse sentido, o projeto contribui diretamente para a formação do professor como mediador cultural consciente e como agente de transformação social.

Essa discussão também se mostra essencial para professores e pedagogos já formados, que atuam cotidianamente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. A análise crítica de repertórios culturais do passado permite que esses profissionais revisitem práticas naturalizadas, reflitam sobre escolhas pedagógicas e atualizem seus referenciais à luz das legislações educacionais e dos debates contemporâneos sobre inclusão, equidade e diversidade. Ao reconhecer possíveis conteúdos problemáticos antes considerados aceitáveis, o educador amplia sua capacidade de selecionar materiais didáticos e culturais de forma mais criteriosa, promovendo experiências educativas alinhadas aos valores democráticos e aos direitos das crianças.

Além do contexto escolar, a reflexão proposta pelo projeto alcança pais, responsáveis e toda a comunidade escolar, fortalecendo o diálogo entre família e escola sobre os conteúdos culturais consumidos pelas crianças. Ao compreenderem que músicas, programas e produtos infantis influenciam a formação de valores, comportamentos e percepções sociais, os adultos tornam-se mais conscientes de seu papel educativo e corresponsáveis pela construção de ambientes culturais saudáveis e respeitosos. Dessa forma, a discussão ultrapassa o âmbito acadêmico e contribui para uma ação educativa coletiva, na qual escola, família e

comunidade atuam de forma integrada na promoção de uma infância mais ética, inclusiva e comprometida com o respeito às diferenças.

2. Educação, Cultura e Infância

A música infantil produzida e amplamente difundida no Brasil durante a década de 1980 constitui um importante objeto de análise para a compreensão da cultura da infância enquanto construção social e histórica. Esse período foi marcado pela consolidação da televisão como principal meio de comunicação de massa e pela intensa mercantilização de produtos culturais destinados às crianças, entre eles programas televisivos, discos, brinquedos e canções que, ao mesmo tempo em que entretinham, transmitiam valores, normas e representações sociais específicas de seu tempo.

Conforme argumenta Sarmiento (2005), a cultura da infância não é neutra nem natural, mas socialmente construída a partir das relações estabelecidas entre crianças e adultos, bem como das condições históricas, políticas e econômicas de uma sociedade. Nesse sentido, as músicas infantis dos anos 1980 refletem concepções então naturalizadas sobre gênero, corpo, autoridade, relações sociais e comportamentos considerados aceitáveis ou desejáveis. Letras que hoje são avaliadas como politicamente incorretas — por conterem estereótipos, sexualização precoce, reforço de hierarquias ou preconceitos — devem ser compreendidas como expressões de um contexto histórico específico, no qual tais discursos eram amplamente tolerados e, muitas vezes, legitimados socialmente.

Ao mesmo tempo, essas produções culturais atuaram como potentes dispositivos de socialização. Postman (1999) destaca que os produtos midiáticos exercem papel central na formação das crianças, promovendo aprendizagens implícitas que vão além do conteúdo explicitamente pedagógico. As músicas infantis, ao serem repetidas cotidianamente em programas televisivos, festas escolares e ambientes familiares, contribuíram para a internalização de padrões comportamentais, modelos de relacionamento e visões de mundo, funcionando como mecanismos informais de educação.

Dessa forma, ainda que apresentadas sob a aparência de entretenimento inocente, muitas canções infantis da década de 1980 operaram como instrumentos de transmissão simbólica de valores adultos para o universo infantil, reduzindo a separação entre as culturas da infância e do mundo adulto — fenômeno que Postman (1999) associa ao enfraquecimento das fronteiras entre essas esferas na sociedade midiática. A ausência de problematização crítica sobre esses conteúdos à época reforça a ideia de que a infância era concebida menos como um espaço de direitos e proteção e mais como um público consumidor a ser moldado segundo expectativas sociais dominantes.

Assim, a análise crítica das músicas infantis dos anos 1980, à luz dos aportes teóricos de Sarmento e Postman, não deve se limitar a um julgamento anacrônico de seus conteúdos, mas contribuir para a compreensão dos processos históricos de construção da cultura infantil. Essa reflexão é especialmente relevante para o campo da educação, pois permite problematizar o papel dos produtos culturais na formação das crianças e reforçar a necessidade de práticas pedagógicas que promovam uma escuta crítica, contextualizada e ética das produções midiáticas destinadas à infância.

3. Educação Inclusiva e Direitos Humanos

A partir dos princípios estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a escola é concebida como um espaço de promoção do respeito às diferenças, da valorização da diversidade e da formação integral do sujeito, fundamentada nos direitos humanos e na construção de uma sociedade democrática (BRASIL, 2017). Nesse sentido, torna-se imprescindível que os conteúdos culturais trabalhados no ambiente escolar — incluindo músicas, brincadeiras e produções midiáticas — sejam analisados criticamente, considerando seus impactos na formação de valores, atitudes e representações sociais.

Muitas músicas infantis dos anos 1980, embora amplamente aceitas e consumidas à época, incorporam discursos que naturalizam desigualdades relacionadas a gênero, corpo, raça, deficiência ou papéis sociais. Candau (2012) alerta que conteúdos educativos que reforçam estereótipos tendem a perpetuar desigualdades e práticas discriminatórias, especialmente quando não são problematizados no contexto pedagógico. Quando reproduzidas de forma acrítica, essas canções podem contribuir para a manutenção de preconceitos e para a exclusão simbólica de sujeitos que não se enquadram nos padrões normativos por elas difundidos.

Sob a ótica da Educação Inclusiva, o desafio não consiste em simplesmente excluir ou censurar tais produções culturais, mas em ressignificá-las pedagogicamente. A escola, alinhada aos princípios da BNCC, deve assumir o papel de mediadora crítica, promovendo reflexões que permitam aos estudantes compreenderem que os valores expressos nessas músicas são historicamente situados e passíveis de questionamento. Essa abordagem favorece o desenvolvimento da consciência crítica, do respeito à diversidade e do compromisso ético com os direitos humanos.

Além disso, ao analisar essas canções como documentos culturais de uma época, a prática pedagógica pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de identificar discursos discriminatórios e de se posicionar contra eles. Tal perspectiva reforça a educação como

prática emancipatória, comprometida com a construção de uma cultura escolar inclusiva, que reconhece e valoriza as diferenças como constitutivas da experiência humana.

Portanto, a correlação entre a música infantil dos anos 1980, a Educação Inclusiva e os Direitos Humanos evidencia a necessidade de um currículo que não apenas selecione conteúdos, mas que os contextualize criticamente. Ao fazê-lo, a escola cumpre sua função social de promover a equidade, combater discriminações e formar cidadãos conscientes, conforme orientam as diretrizes da BNCC e as reflexões de Candau (2012).

4. Bullying, Preconceito e Violências Simbólicas

Dando continuidade à análise da música infantil dos anos 1980 sob a perspectiva da Educação Inclusiva e dos Direitos Humanos, torna-se necessário aprofundar a discussão a partir das noções de bullying, preconceito e violência simbólica. Muitas das canções amplamente difundidas naquele período, embora compreendidas à época como expressões lúdicas e inofensivas, veicularam representações sociais que contribuíram para a naturalização de desigualdades, estigmatizações e hierarquizações entre as próprias crianças.

Bourdieu (1998) conceitua a violência simbólica como um tipo de dominação exercida de forma sutil, frequentemente invisível, que se manifesta por meio da linguagem, das imagens e das práticas culturais. No caso da música infantil dos anos 1980, letras que ridicularizam diferenças físicas, comportamentais ou sociais podem ser compreendidas como expressões dessa violência simbólica, na medida em que reforçam padrões normativos de aceitação e exclusão. Ao serem repetidas cotidianamente em contextos escolares, familiares e midiáticos, tais canções contribuem para a internalização de preconceitos, legitimando a marginalização simbólica daqueles que fogem aos modelos hegemônicos apresentados.

Essas representações culturais exercem influência direta na dinâmica das relações entre pares no ambiente escolar. Fante (2005) destaca que o bullying não se restringe a comportamentos individuais, mas é fortemente influenciado pelas representações sociais e pelos discursos que circulam no meio infantil. Nesse sentido, músicas que banalizam a ridicularização, a humilhação ou a inferiorização do “outro” podem funcionar como gatilhos simbólicos para práticas de bullying, ao oferecerem repertórios discursivos que justificam ou minimizam a violência entre crianças.

Os estudos de Almario e Martins (2012) evidenciam que o agressor no contexto do bullying frequentemente reproduz valores e comportamentos aprendidos socialmente, muitos deles legitimados por práticas culturais naturalizadas. Assim, conteúdos musicais que reforçam estereótipos ou desigualdades podem contribuir para a construção de identidades

agressoras, ao validar relações de poder assimétricas e o uso da violência simbólica como forma de afirmação social.

Sob a perspectiva do alvo do bullying, Almario, Souza e Silva (2012) demonstram que a repetição de práticas simbólicas excludentes impacta diretamente a autoestima, o pertencimento e a construção identitária das vítimas. Quando determinadas características são sistematicamente associadas ao ridículo ou à inferioridade em produtos culturais, como músicas infantis, crianças que se identificam com esses traços tendem a vivenciar processos de autoestigmatização e silenciamento, reforçando ciclos de exclusão.

Além disso, a análise da dimensão familiar, conforme discutido por Almario, Cruz e Soares (2013), revela que a naturalização de discursos discriminatórios presentes na cultura midiática também atravessa o espaço doméstico, influenciando a forma como famílias interpretam, minimizam ou enfrentam situações de bullying. A ausência de uma leitura crítica desses conteúdos dificulta a identificação da violência simbólica e sua relação com práticas concretas de agressão no cotidiano escolar.

Dessa forma, a música infantil dos anos 1980, quando analisada criticamente, revela-se não apenas como um produto cultural de seu tempo, mas como um elemento ativo na produção e reprodução de discursos que podem favorecer o preconceito, o bullying e as violências simbólicas. À luz da Educação Inclusiva e dos Direitos Humanos, cabe à escola ressignificar esses materiais, promovendo práticas pedagógicas que problematizem seus conteúdos, contextualizem historicamente suas mensagens e contribuam para a construção de uma cultura escolar baseada no respeito, na empatia e na valorização da diversidade.

5. Música como Objeto Pedagógico

Sob a perspectiva da música como objeto pedagógico, conforme defende Penna (2010), a análise musical possibilita o desenvolvimento da alfabetização midiática e da reflexão crítica. Ao trabalhar com canções infantis dos anos 1980, a escola pode promover a leitura crítica não apenas das letras, mas também das sonoridades, dos arranjos, das performances e dos contextos de circulação dessas músicas. Tal abordagem permite que os estudantes compreendam a música como uma linguagem carregada de intencionalidades e discursos, rompendo com a ideia de neutralidade dos produtos culturais destinados à infância.

Além disso, a análise desse repertório favorece a problematização das mensagens implícitas presentes nas canções, estimulando o reconhecimento de valores, normas e representações sociais que foram naturalizadas em determinado momento histórico. Esse exercício contribui para o desenvolvimento de competências críticas fundamentais, ao capacitar os sujeitos a

identificar como a mídia influencia percepções de mundo, relações sociais e concepções de infância.

Nesse sentido, o trabalho pedagógico com repertórios culturais antigos, como as músicas infantis dos anos 1980, dialoga diretamente com a perspectiva freireana de educação. Freire (2011) destaca que a reflexão sobre produções culturais de outras épocas possibilita compreender as transformações sociais e os valores éticos ao longo do tempo. Ao contextualizar historicamente essas músicas, a escola promove um processo educativo baseado no diálogo, na problematização e na consciência crítica, permitindo que os estudantes comparem concepções passadas e atuais sobre infância, cultura e sociedade.

Assim, ao invés de serem excluídas do contexto escolar por apresentarem valores hoje questionáveis, as músicas infantis dos anos 1980 podem ser ressignificadas como ferramentas pedagógicas potentes. Quando mediadas criticamente, tornam-se instrumentos para discutir mudanças culturais, avanços sociais e desafios éticos contemporâneos, fortalecendo uma educação comprometida com a formação de sujeitos críticos e conscientes.

Portanto, compreender a música infantil dos anos 1980 como objeto pedagógico implica reconhecê-la como um documento cultural de seu tempo. Essa abordagem amplia o papel da educação musical, integrando-a a processos de alfabetização midiática e reflexão ética, conforme apontam Penna (2010) e Freire (2011), e reafirma a escola como espaço privilegiado para a leitura crítica da cultura e da história social.

6. A Música Infantil nos Anos 1980

A década de 1980 foi um período singular para a música infantil no Brasil, marcada pela consolidação do LP como principal suporte fonográfico e pela forte integração entre música, televisão e mercado editorial. Os discos infantis deixaram de ser produtos periféricos e passaram a ocupar posições de destaque nas paradas de vendas, com grande tiragem de cópias, ampla execução em rádios e presença constante em programas de TV aberta, especialmente nas emissoras de maior audiência. Nesse contexto, artistas e grupos infantis tornaram-se fenômenos culturais e comerciais, influenciando gerações de crianças e redefinindo o entretenimento voltado à infância.

Balão Mágico foi um dos grupos infantis mais emblemáticos do início dos anos 1980. Formado por Simony, Tob, Mike e Jairzinho, o grupo lançou diversos LPs entre 1982 e 1986, alcançando números expressivos de vendas. Estima-se que o Balão Mágico tenha vendido mais de 10 milhões de discos ao longo da carreira, com álbuns frequentemente certificados

com discos de ouro e platina. Suas músicas tiveram intensa execução em rádios e eram constantemente apresentadas em programas de auditório e especiais televisivos, além de trilhas de novelas e programas infantis, o que ampliava ainda mais seu alcance nacional.

Trem da Alegria também se destacou como um dos maiores sucessos fonográficos infantis da década. Surgido em 1984, o grupo lançou LPs que rapidamente alcançaram o topo das paradas de vendas, como Trem da Alegria e É de Chocolate. Assim como o Balão Mágico, o Trem da Alegria acumulou discos de ouro e platina, com tiragens que chegavam a centenas de milhares de cópias por álbum. A presença frequente na televisão, especialmente em programas infantis e dominicais, e a forte execução em rádios populares consolidaram o grupo como um fenômeno midiático e comercial.

Os Abelhudos, embora menos longevos que Balão Mágico e Trem da Alegria, tiveram papel relevante na diversificação do repertório infantil dos anos 1980. Seus LPs apostavam em letras bem-humoradas e personagens carismáticos, dialogando com o universo lúdico das crianças. O grupo obteve boa circulação em programas de TV e rádios segmentadas, com vendas expressivas para o padrão do mercado infantil da época, ainda que em escala menor que os grandes fenômenos do período. Sua importância reside sobretudo na ampliação do leque de estilos e propostas dentro da música infantil.

Xuxa representa o ápice da indústria fonográfica infantil dos anos 1980. A partir do sucesso televisivo do Xou da Xuxa, seus LPs tornaram-se líderes absolutos de vendas no Brasil. Estima-se que apenas na década de 1980 Xuxa tenha vendido dezenas de milhões de discos, com vários álbuns ultrapassando a marca de 1 milhão de cópias cada, algo raro mesmo para artistas adultos. Seus discos figuravam entre os mais vendidos do ano, independentemente do público-alvo, recebendo certificações múltiplas de platina. As músicas tinham execução massiva em rádios, eram exibidas diariamente na televisão e integravam um amplo mercado de produtos licenciados, consolidando um verdadeiro império midiático infantil.

Além desses nomes, outros artistas e personagens tiveram papel significativo na consolidação do mercado de LPs infantis nos anos 1980, como Angélica, Mara, as Paquitas, Fofão, entre outros. Muitos deles surgiram diretamente associados a programas de TV, o que garantia visibilidade imediata aos lançamentos fonográficos. Mesmo quando não alcançavam cifras milionárias de vendas, seus discos apresentavam tiragens relevantes, frequentemente superiores a 100 mil cópias, e presença constante em rádios e na programação infantil das emissoras. Interessante deixar registrado de apesar de termos revisitado sua discografia dos anos de 1980, não há registros de músicas do personagem infantil Fofão que sejam consideradas politicamente incorretas, com duplo sentido ou com mau exemplos, as canções associadas a ele eram voltadas para o público infantil, com mensagens de amizade, muitas brincadeiras e valores positivos.

De forma coletiva, esses artistas ajudaram a estruturar um modelo de produção cultural em que a música infantil era tratada como produto de massa, com estratégias de divulgação semelhantes às da música popular adulta. Rankings de vendas, prêmios da indústria fonográfica, alta rotatividade nas lojas de discos e forte presença na televisão indicam a importância econômica e simbólica desses LPs. Mais do que entretenimento, eles se tornaram marcos geracionais, refletindo valores, linguagens e concepções de infância que caracterizaram a cultura brasileira dos anos 1980.

7. Músicas que não envelheceram bem

A produção musical infantil dos anos 1980 deve ser compreendida dentro de seu contexto histórico, social e cultural, marcado por valores, discursos e referências que eram amplamente naturalizados à época, mas que passaram a ser questionados à luz de avanços nas áreas dos direitos humanos, da educação inclusiva e da diversidade cultural. Embora muitas dessas canções tenham desempenhado papel relevante na formação afetiva e na memória coletiva de uma geração, parte de suas letras apresenta conteúdos que, sob a perspectiva contemporânea, revelam a reprodução de estereótipos, a banalização de desigualdades, a legitimação de violências simbólicas e a representação distorcida ou preconceituosa de determinados grupos sociais, povos originários, pessoas negras, pessoas com deficiência e até animais. Assim, revisitar criticamente esse repertório não implica negar sua importância histórica, mas reconhecer a necessidade de análise reflexiva, permitindo compreender como a música infantil também pode reforçar — ou questionar — valores sociais, contribuindo para práticas educativas mais conscientes, inclusivas e alinhadas aos princípios éticos atuais. Abaixo citamos alguns exemplos:

- Turma da Xuxa (Reinaldo Waisman e Robson Stipanovich). Gravação de Xuxa no LP *Xou da Xuxa* em 1986:
 - *O Marcão é brigão porque é grandão, mas dizem no lugar que tem fama de bundão*
 - *Conheço uma menina que se chama Lola, além de fofoqueira, tem um bafo de cebola*
 - *Conheço o João, magrinho ele não é, tem um bairra barrigão que não consegue ver o pé*
- Garoto Problema (Frejat e Guto Goffi). Gravação de Xuxa e Evandro Mesquita no LP *Xou da Xuxa* em 1986:
 - *Sem pensar duas vezes, se mandou. Fugiu de casa no primeiro circular que passou (...) Agora volta pra casa assustado, ouve o sermão do pai, calado, mas por dentro nem liga, vai fugir de novo sem deixar recado*

- Circo (Paulo César Barros, Prêntice e Monteiro De Souza). Gravação de Xuxa no LP Xegundo Xou da Xuxa em 1987:
 - *Vem a foca com a bola no nariz, o elefante bancando o chafariz, vem a macacada toda de uma vez*
- Banda Da Xuxa (Reinaldo Waisman e Robson Stipanovich). Gravação de Xuxa no LP Xegundo Xou da Xuxa em 1987:
 - *O Praga distraído, que horror, vai confundindo o tambor com o bundão do Agenor*
- O Praga É Uma Praga (Reinaldo Waisman e Michel Bijou). Gravação de Xuxa no LP Xou da Xuxa 3 em 1988:
 - *Dá um close nele, ele é feio que dá dó*
 - *Mas nem a dona Praga esse chato ela aguentou, com um chute no traseiro devolveu ele pro “Xou”*
- Brincar de Índio (Sullivan e Massadas). Gravação de Xuxa no LP Xou da Xuxa 3 em 1988:
 - *Índio fazer barulho (...) vem pintar a pele para a dança começar*
- Fera Neném (Vinícius Cantuária e Evandro Mesquita). Gravação de Trem da Alegria e Evandro Mesquita no LP Trem da Alegria em 1986:
 - *Quando quero alguma coisa eu berro, brinco de médico ninguém é de ferro (...) acordo contente quando sonho com a Xuxa*
- Um Metro e Vinte (Carlos Fernando e Tony Silva). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1986:
 - *Eu queria beijar minha garota bem na boca (...) já sou grande, já passei de um metro e vinte e já tenho condição de namorar*
- Puxa O Rabo Dele (Ed Wilson, Gilson e Carlos Colla). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1986:
 - *Eu conheci um macaco (...) puxa o rabo dele pra cima, faz ele esticar pra baixo, puxa o rabo dele mas não deixa arrebentar*
- Ling Li Ling (Carlos Fernando e Tony Silva). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1986:
 - *Ling Li Ling era um chinês (...) O chinês era lelé da cuca, que coisa maluca assim eu nunca vi, mal sabia falar português, pedaço de queijo é “tlinta e tlês”*
- Zé Grandão (Carlos Colla e Ed Wilson). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1987:
 - *Não me bate que eu chamo o meu irmão, (Zé Grandão, Zé Grandão) não se mete porque ele te mete a mão*

- O Brincalhão (Eros / Liebert / Juninho Ferreira). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1987:
 - *Esta é a história de um menino que põe apelido em todo mundo (...) O gordo ele chama de bolão, se tem cabeça grande é cabeção, se for magro demais é macarrão*
 - *Careca é pouca telha, o dumbo não esconde a sua orelha, nariz grande é Pinóquio, sem dente é banguela*
- Xa, Xe, Xi, Xo, Xuxa (Lincoln Olivetti, Robson Jorge e Mauro Motta). Gravação de Trem da Alegria no LP Trem da Alegria em 1988:
 - *Eu fico imaginando, quero ser seu namorado, mas fico com vergonha do meu pai que está do lado. Você é a culpada do meu banho demorado, Xuxa*
- Vovó Gatinha (Carlos Colla). Gravação de Abelhudos no LP Abelhudos em 1986
 - *Vovô acorda bem cedinho e vai pra musculação, se cuida que a vovó agora tá um tesão*
- O Vampirinho (Renato Correa e Claudio Rabello). Gravação de Abelhudos no LP Abelhudos em 1987
 - *Nessas olheiras fundas é que eu guardo o meu charme. A minha voz profunda arrepiá qualquer carne. Não adianta cruz, raio de sol, dente de alho. Me dá seu pescocinho pra mostrar como eu trabalho*
- Vou de Táxi (Aloysio Reis e Byafra). Gravação de Angélica o LP Angélica em 1988
 - *Mas no banho, foi só me tocar, lembrei do seu olhar*

8. Considerações finais

A análise da música infantil brasileira produzida na década de 1980 evidencia que tais repertórios, longe de constituírem meros instrumentos de entretenimento, configuraram-se como dispositivos culturais potentes na formação de valores, identidades e representações sociais da infância. Inseridas em um contexto de expansão da indústria fonográfica, da consolidação da televisão como meio hegemônico de comunicação e da crescente mercantilização do público infantil, essas produções refletiram concepções historicamente situadas sobre gênero, corpo, autoridade, diferenças culturais e relações de poder.

À luz dos aportes teóricos mobilizados ao longo deste estudo, especialmente no diálogo com a Educação Inclusiva e os Direitos Humanos, torna-se evidente que parte desse repertório veiculou discursos que hoje podem ser compreendidos como reforçadores de estereótipos, preconceitos e violências simbólicas. Contudo, o objetivo desta reflexão não consiste em promover julgamentos anacrônicos ou em defender a supressão dessas produções da

memória cultural, mas em reconhecê-las como documentos históricos que expressam valores e sensibilidades de seu tempo.

Ao serem problematizadas no contexto escolar, essas músicas assumem novo estatuto: deixam de ser apenas registros afetivos de uma geração e passam a constituir-se como objetos pedagógicos capazes de fomentar a alfabetização midiática, o pensamento crítico e a formação ética dos estudantes. A mediação docente torna-se, nesse cenário, elemento central para contextualizar, interpretar e ressignificar tais conteúdos, contribuindo para que crianças e jovens compreendam que valores sociais são construções históricas e, portanto, passíveis de transformação.

A reflexão proposta também reafirma a escola como espaço privilegiado de promoção da equidade e de enfrentamento às discriminações. Ao identificar e discutir elementos que podem naturalizar o bullying, o preconceito e a exclusão simbólica, a prática pedagógica fortalece a construção de uma cultura escolar pautada no respeito, na empatia e na valorização da diversidade. Trata-se de um movimento que articula memória cultural e compromisso ético, permitindo que o passado seja compreendido criticamente sem que se perca de vista os avanços sociais conquistados nas últimas décadas.

Por fim, revisitar criticamente a música infantil dos anos 1980 implica reconhecer que a cultura da infância é dinâmica, histórica e atravessada por disputas de sentido. Ao assumir essa perspectiva, educadores, famílias e comunidade escolar ampliam sua responsabilidade na seleção, mediação e produção de conteúdos culturais destinados às crianças. Assim, este estudo reforça a necessidade de uma educação comprometida com a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e alinhada aos princípios democráticos e aos direitos humanos.

9. Referências Fonográficas

- A TURMA DO BALÃO MÁGICO. A Turma do Balão Mágico. Rio de Janeiro: CBS, 1982. LP.
A TURMA DO BALÃO MÁGICO. A Turma do Balão Mágico 2. Rio de Janeiro: CBS, 1983. LP.
A TURMA DO BALÃO MÁGICO. A Turma do Balão Mágico 3. Rio de Janeiro: CBS, 1984. LP.
A TURMA DO BALÃO MÁGICO. A Turma do Balão Mágico 4. Rio de Janeiro: CBS, 1985. LP.
FOFÃO. Disco do Fofão. São Paulo: RGE, 1983. LP.
FOFÃO. Fofão. São Paulo: RGE, 1984. LP.
FOFÃO. Fofão 3. São Paulo: RGE, 1985. LP.
KSYVICKIS, Angélica. Angélica. Rio de Janeiro: CBS, 1988. LP.
MARAVILHA, Mara. Mara. São Paulo: Copacabana, 1988. LP.
MARAVILHA, Mara. Mara Maravilha. São Paulo: Copacabana, 1989. LP.

MENEGHEL, Xuxa. Xou da Xuxa. Rio de Janeiro: Som Livre, 1986. LP.
MENEGHEL, Xuxa. Xegundo Xou da Xuxa. Rio de Janeiro: Som Livre, 1987. LP.
MENEGHEL, Xuxa. Xou da Xuxa 3. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988. LP.
MENEGHEL, Xuxa. Xou da Xuxa 4. Rio de Janeiro: Som Livre, 1989. LP.
MENEGHEL, Xuxa. Xuxa 5. Rio de Janeiro: Som Livre, 1990. LP.
OS ABELHUDOS. Os Abelhudos. Rio de Janeiro: CBS, 1984. LP.
OS ABELHUDOS. Os Abelhudos 2. Rio de Janeiro: CBS, 1985. LP.
OS ABELHUDOS. Os Abelhudos 3. Rio de Janeiro: CBS, 1986. LP.
TREM DA ALEGRIA. Trem da Alegria. Rio de Janeiro: CBS, 1985. LP.
TREM DA ALEGRIA. Trem da Alegria 2. Rio de Janeiro: CBS, 1986. LP.
TREM DA ALEGRIA. Trem da Alegria 3. Rio de Janeiro: CBS, 1987. LP.
TREM DA ALEGRIA. Trem da Alegria 4. Rio de Janeiro: CBS, 1988. LP.
TREM DA ALEGRIA. Trem da Alegria 5. Rio de Janeiro: CBS, 1989. LP.

10. Referências Bibliográficas

ALMARIO, Alan; MARTINS, N. V. Bullying: uma perspectiva sobre o agressor. *Revista da Universidade Ibirapuera*, v. 4, p. 17–21, 2012.

ALMARIO, Alan; SOUZA, A. J.; SILVA, J. F. Bullying: a perspectiva do alvo. *Revista da Universidade Ibirapuera*, v. 3, p. 32–35, 2012.

ALMARIO, Alan; CRUZ, L. M.; SOARES, Camila. Bullying na perspectiva familiar. *Revista da Universidade Ibirapuera*, v. 6, p. 37–40, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235–250, 2012.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. Porto Alegre: Sulina, 2010.

POSTMAN, Neil. O desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361–378, 2005.